

GOVERNO

“Não me sinto no poder”, diz Antônio Carlos Magalhães, elogiando mudanças

por Cláudia Izique
de São Paulo

“Não me sinto no poder”, diz Antonio Carlos Magalhães, governador da Bahia e um dos principais líderes do PFL, partido que é hoje a principal base de sustentação do governo Collor no Congresso Nacional.

Magalhães ficou “satisfeito” com a reforma ministerial do presidente Collor que colocou sob o controle do PFL três ministérios: o do Trabalho e Previdência Social, da Ação Social e a recém-criada Secretaria de Governo.

Os ex-ministros Antonio Rogério Magri (Trabalho e Previdência), Margarida Procópio (Ação Social), Alceni Guerra (Saúde) e Carlos Chiarelli (Mercosul), “não podiam figurar no ministério”.

As mudanças ministeriais “dão credibilidade para o governo encetar novos programas na área econômica e na execução dos ministérios”. Mas isso é apenas o começo. O governador da Bahia, considera que a política econômica do governo “está mais ou menos traçada”, faltando contudo “base para sustentar essa política”, e apenas o apoio do



Antônio Carlos Magalhães

PFL e dos demais partidos do bloco governista “não é o bastante”.

“Precisa atrair outros partidos, além do bloco inclusive os de oposição”, sugeriu. A saída ele sugere, é apresentar “bons projetos que nem a oposição possa recusar”. E completou: “Se as forças de oposição quiserem participar, seria bom. Eu faria isso”.

E ele dá como exemplo o projeto do governo de aumentar as alíquotas de contribuição à Previdência Social, rejeitada na última

quinta-feira, pelo Congresso Nacional: “O governo errou e não pode errar outra vez. Tem que conversar com o bloco governista e os partidos de oposição e só depois levar o projeto ao Congresso”.

A reforma ministerial do governo Collor criou um clima novo para os partidos políticos e para o País e torna “mais do que nunca necessário” um entendimento nacional “com a participação das oposições”, disse o governador.

A opção do presidente Collor, de consolidar sua base de apoio parlamentar a partir do PFL, o segundo maior partido no Congresso Nacional, deverá reaglutinar o partido dividido em torno da liderança de Magalhães e do senador Marco Maciel (PFL-PE), líder do governo no Senado.

Ontem, “em nome da unidade partidária” o deputado Messias Goes (PFL-SE) desistiu de sua candidatura à liderança do bloco governista na Câmara — cargo que ficou vago com a indicação de Ricardo Fiúza (PFL-PE) à Pasta da Ação Social — em favor do deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do governador

(ver matéria nesta página). Antonio Carlos Magalhães afirma não ter tido qualquer influência sobre a indicação de seu filho: “O Luiz Ednardo tem vó e personalidade próprias. Muitas vezes divergimos e, ele está sempre certo”.

Depois de um longo período de divergências com o presidente Collor, Magalhães considera que agora “todos os obstáculos estão removidos” e afirmou: “Se o presidente chamar, estarei pronto”.

Antonio Carlos Magalhães reforçou publicamente sua oposição a Alceni Guerra na tarde da última sexta-feira. Alegando estar rebatendo acusações feitas pelo ex-ministro da Saúde, sobre articulações que teriam provocado sua demissão, o governador manifestou que “não sou da Polícia Federal, nem fiz campanha insistente contra o ministro Alceni. Acho, porém, que sua posição era insustentável e que deveria ter poupado, há muito tempo, o presidente dos dissabores por ele provocados. Não discuto os atos do presidente, mas louvo quando ele retira do governo um corrupto”, conforme apurou a repórter Ana Lucia de Mello.